

Jornal das Moças: ensino, mídia e discurso

Jornal das Moças: education, media and speech

Carlos Jordan Lapa ALVES¹
Athyla CAETANO²
Ana Carolina Silva FREITAS³

Resumo

A respeito do movimento histórico, engendrado sob a égide de definir um modelo padrão e estimular sua aplicação, objetivando condicionar o papel da mulher na sociedade, restringindo-o àqueles ligados aos afazeres domésticos – cuidar da casa e dedicar-se à maternidade; a imprensa como veículo de comunicação com papel de difundir opiniões, pensamentos e comportamentos, muitas vezes de maneira parcial, por anos defendeu e contribuiu para disseminação da lógica que define os atributos domésticos inerentes as mulheres assim como adoção de postura submissa postura feminina diante à sociedade através da proliferação de seus discursos machistas. Neste artigo descrevemos o posicionamento do *Jornal das Moças* (1914 – 1965) que circulava por várias capitais brasileiras, visto que, seus objetivos eram criar, descrever e incentivar adoção um comportamento definido para moças e donas de casa pela ótica da tradicional família brasileira.

Palavras-chaves: Jornal das Moças. Comportamento. Educação e feminismo.

Abstract

Regarding the historical movement, engendered under the aegis of defining a standard model and encourage their application, aiming to condition the role of women in society, restricting it to those linked to household chores – housework and devote themselves to motherhood; the media as a communication vehicle with function to spread opinions, thoughts and behaviors, often partially, for years it defended and helped to spread the logic that defines domestic attributes inherent in the women as well as adoption of posture submissive female posture by society through the proliferation of their macho speeches. In this article we described the positioning of the *Jornal das Moças* (1914 – 1965) that circulated for several Brazilian capitals, since its objectives

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem. Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF. E-mail: jordan.marquiory@hotmail.com

² Especialista em Educação. E-mail: Athyla_caetano@hotmail.com

³ Especialista em Educação. E-mail: jordan.alves@hotmail.com

were to create, describe and encourage adoption a defined behavior for girls and housewives from the perspective of traditional Brazilian family.

Keywords: Jornal das Moças. Behavior. Education and feminism.

Introdução

A História é construída a cada dia, por meio de processo social e coletivo, onde papéis são interpretados por diversos atores sociais. Contudo, a História Oficial sempre foi marcada pelos grandes Homens e seus feitos, cabendo às mulheres, crianças e pobres a condição da invisibilidade. Para Perrot (1988) atribuir-lhes a condição de invisíveis significou excluí-los da história.

Ainda segundo a autora, a história das mulheres tem sua descrição, a partir de dados oficiais bastante dificultada, uma vez, que por ser mulher, ignorada, não participava de forma relevante dos acontecimentos e movimentos sociais. Simplesmente figurava numa sociedade machista burguesa.

No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues. A narrativa histórica tradicional reserva-lhes pouco espaço, justamente na medida em que privilegia a cena pública – a política, a guerra – onde elas pouco aparecem. (PERROT, 1998, p.9)

Em resposta às demandas sociais em relação ao consumo e convivência, as mulheres⁴ assumiram papéis em ambientes públicos como confeitarias, avenidas, cafés e teatros. Essa mudança tirou a mulher do campo da invisibilidade, possibilitando-a ser notada após anos de exclusão social (PERROT, 2005). Esse novo perfil concedido às mulheres incitou a busca por mecanismos de resposta contrários ao novo comportamento feminino, visto que esta mudança no paradigma desagradou a muitos conservadores.

Para compreensão do papel das mulheres na primeira metade do século XX, propomos revisar artigos, textos, anúncios e colunas do *Jornal das Moças*, produzidos nesse período, dedicados a descrever formas sistematizadas para estimular e orientar o processo de subordinação feminina, mantendo o padrão definido pela sociedade

⁴ As mulheres das classes mais abastadas, visto que, as mulheres mais pobres já frequentavam os ambientes públicos desde a Revolução Industrial.

machista e patriarcal de como as mulheres deveriam de portar. Objetivou-se ainda, demonstrar como se deu a apropriação e disputa pelo corpo feminino e o controle do papel social que caberia a ela.

Antes de direcionarmos o foco ao objeto central que abordaremos nesse estudo, propomos refletir situacionalmente os papéis da mulher ao longo da história. Assim, tornou-se necessário tratar do imaginário e do surgimento do comportamento moral da mulher na sociedade e a influência da Igreja Católica na sua manutenção. Além de apresentar a educação feminina brasileira no século XIX e XX e como o comportamento tradicional estipulado pela sociedade começou a ser desafiado por movimentos que defendiam a inserção de novos valores e condutas para as mulheres. Por fim analisar a influência exercida pelo *Jornal das Moças* para manutenção do comportamento feminino definido como ideal e divulgação social de seus valores, visto que, o movimento feminista ganhara força.

Do comportamento feminino

A Igreja Católica teve uma profunda e intensa influência na formação do pensamento ético e moral da sociedade europeia e conseqüentemente brasileira. E mesmo hoje, no século XXI, com as transformações ocorridas nas áreas sociais, culturais, tecnológicas, políticas e econômica os resquícios ainda são latentes.

A dominação e poder da Igreja sobre a coletividade teve início com a queda do Império Romano. Com o fim de tudo o que conheciam economia, política, cultura, costumes, hierarquia social, assim, a igreja encontrou cada vez mais adeptos e a população encontrou na religião uma maneira de manter-se unido naquele momento histórico, o feudalismo (MENSCHIK,1977).. É durante a Idade Média que muitas concepções de corpo, sexualidade, certo/errado e religião foram formadas e muitas delas permaneceram intactas ao tempo e povoam o imaginário da sociedade Ocidental (MENSCHIK,1977).

A inserção dos dogmas na sociedade tornou-se uma característica da Idade Média. A Igreja Católica se incumbiu de agregar valor a eles a partir de ferramentas próprias. Os dogmas em sua maioria tinham como tema mulheres, bruxas pecado original e eram carregados de significado religioso, político e sexual. Estima-se que

aproximadamente 9 milhões de pessoas foram acusadas, julgadas e mortas neste período, onde mais de 80% eram mulheres, incluindo crianças e moças que haviam “herdado este mal” (MENSCHIK,1977). Desde então a imagem feminina atrela-se ao pecado, sendo obrigada, na ótica cristã, se redimir através de orações, sacrifícios e principalmente pela sua conduta.

Além de ser vista, pela religião, como corresponsável do pecado original a mulher já nasce com suas possibilidades limitadas, pressionada socialmente a ser submissa ao seu marido, corresponder à imagem esperada da mãe-esposa-dona-de-casa considerando corresponder essas expectativas sua principal e mais importante função. Esse manual de atribuições correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. (MALUF & MOTT, 1998).

Após a Revolução Industrial o homem se vê diante de caminhos que o leva a inúmeras transformações nos diversos campos. Analisando através da perspectiva de gênero, as maiores transformações sociais se deram em relação à mulher, visto que, a partir de então, esta, fadada à exclusão social, passa a integrar-se na sua construção.

A mudança no comportamento feminino gerou espanto e temor na sociedade e desencadeou debates entre conservadores e progressistas. A independência feminina do início do século XX, embora tenha sido algo a se comemorar, trouxe novas exigências. A ousadia de ir às ruas pelo trabalho fora do lar exigia que ela mantivesse o lar respeitável e que jamais fosse vista transitando com outro homem que não fosse seu marido ou familiar, a fim de que mantivesse sua reputação e a do seu esposo. (MALUF& MOTT, 1998). “(...) um brado feminino de inconformismo, tocado pela imagem depreciativa com que as mulheres eram vistas e se viam [...]” (MALUF & MOTT, 1998, p. 374).

Se para os tradicionalistas as conquistas que tornavam possíveis as alterações comportamentais das mulheres, causaram constrangimento e receio, havia um grupo que há muito vinha esperando por esse momento – em que a mulher quebraria as amarras que delimitava sua participação social. Até então o papel das mulheres, restringia-se às atividades ligadas ao lar. O que evidenciava a supremacia masculina característica marcante daquela sociedade.

A imagem da mulher se limitava a despertar no homem apenas aqueles relacionados ao sexo e a reprodução. Porém, algumas dessas mulheres, se atentaram que a única possibilidade de futuro possível resumia-se num papel secundário e vista com preconceito pela mesma sociedade que a limitava a essa possibilidade. A insatisfação provocou ideias de liberdade, mesmo que não plenamente uma vez que ainda ocupava postura submissa ao marido, e, sobretudo de igualdade de direitos.

Diante do crescimento urbanístico, êxodo rural e a diversidade de culturas natias dos habitantes que passaram a dividir aquele espaço – negros e seus descendentes, imigrantes e elite alterando a conformação social local, diferentes culturas passaram conviver lado a lado. Segundo Maluf & Mott (1998), atribuiu-se à urbanização a responsabilidade pela quebra de costumes e inovações na rotina das mulheres e conseqüentemente as mudanças nas relações entre homens e mulheres e da ordem familiar, tida como o mais importante “suporte do Estado” e única instituição social.

O quadro de transformações apresentado fez emergir uma preocupação quanto aos impactos que a base familiar estaria suscetível, com isso, deu-se início a uma série de tentativas para manutenção da ordem familiar, estruturação familiar e social através do casamento e nova definição do papel que a mulher deveria exercer dentro e fora do lar.

Alguns comportamentos masculinos anteriormente considerados como naturais passaram a serem criticados, as mulheres e homens começaram a trocar acusações, evidenciando a quebra que vinham sofrendo os costumes. Os homens amedrontados com o perfil da nova mulher, justificavam que conservadores como Menotti del Picchia dissessem: “Os moços, com razão, andam ariscos [...] Será justo que um moço trabalhador e honrado entregue seu nome nas mãos de uma cabecinha fútil e doidivasas [...]?” (apud MALUF & MOTT,1998, p. 374).

Dessa forma os deveres da mulher no Brasil foram sendo construídos e cristalizados através de um discurso ideológico em que uma mulher e esposa respeitável, era aquela que se recolhia ao lar, sequer se permitia disputar um papel social que por convenção pertencia ao homem. Suas atividades ficaram restritas ao privado, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa.

Baseado na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da esfera da vida

privada, o discurso é bastante conhecido: o lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã. (MALUF & MOTT, 1998, p. 374)

Foi assim, que os papéis de cada um foram sendo desenhados dentro da sociedade. Ao homem caberia o mundo, o trabalho e a mulher o lar. Se o homem era responsável pelo provento da casa, cabia a esposa o trabalho de transformá-la em um lugar feliz, amoroso, tranquilo e harmonioso. A primeira vista parecia que um complementava o outro, no entanto, a mulher estava sempre subordinada e dependendo do homem. Cabia ao homem a autorização para algumas tarefas, como a de trabalhar fora. A autoridade do marido sobre a sua esposa acontecia naturalmente, de forma que ele assumia também o papel de pai e por isso poderia “corrigi-la” quando acreditava ser necessário.

A justificativa para supremacia masculina constituía-se com base na manutenção da ordem familiar, tão ameaçada pelas ideias feministas e modernas. A divisão do trabalho imposta fez com que houvesse uma desvalorização das atividades exercidas pela mulher.

As desigualdades entre as funções desempenhadas por homens e mulheres, que os identifiquem ou com a rua ou com a casa, não vieram desacompanhadas de uma valorização cultural. Isto é, as atividades masculinas foram mais reconhecidas que as exercidas pelas mulheres, razão pela qual forma dotas de poder e valor. (MALUF & MOTT, 1998, p. 380-381)

O empoderamento masculino se dava ao fato de trabalhar e manter sua família. A quebra dessa hierarquia tradicional, a perda do papel de provedor, gerava ao homem sentimento de inferioridade e incompetência. O dever não cumprido, imposto pela sociedade, que considerava desonrosa a complementação da renda familiar pela esposa, fazia com que, segundo Maluf & Mott (1998), alguns maridos cometessem o suicídio, devido o descumprimento da sua obrigação moral. Os conservadores mais extremistas, chegavam a responsabilizá-los pelos avanços do feminismo. Pois, a sua incapacidade de cumprir seu papel, impeliu as mulheres ao mercado de trabalho. A mulher casada que recebia do seu conjugue todo apoio familiar necessário cabia respeitar os ditames da moral e do bom costume com a finalidade de não manchar a honra do seu marido

Educação feminina: manutenção, ordem e machismo

Com a colonização, os portugueses não trouxeram apenas seu sistema político e econômico, nos porões das caravelas veio o processo educacional de centenas de anos da sociedade lusa. Processo que excluía de forma misógina a mulher. Segundo os padrões portugueses a mulher era restrita a casa, filhos e maridos, visto que fazia parte da classe do *imbecilitus sexus* – sexo imbecil. Portanto, sem importância ou empregabilidade na manutenção econômica da sociedade (RIBEIRO, 2000).

Era costume de algumas famílias abastadas do período colonial e imperial mandarem suas filhas para estudarem em Portugal. Entretanto, a maior parte das mulheres se direcionava às tarefas domésticas como bordar, costurar e cozinhar. Alimentando a visão tradicional judaico-cristã de submissão e direcionamento da educação feminina para servir e obedecer ao pai e futuramente ao marido.

A educação feminina no Segundo Reinado era causa de indignação dos viajantes que visitavam o Brasil. Segundo (Apud LEITE, 1984), Jean Louis e Elizabeth Agassiz, em 1865, deixaram seus relatos sobre o que presenciaram:

Em geral, no Brasil, pouco se cuida da educação das mulheres, o nível de ensino dado nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos frequentados pelas filhas das classes menos abastadas, todos os professores se queixam de lhes retirarem as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver. A maioria das meninas enviadas à escola aí entram com a idade de sete ou oito anos; aos treze ou quatorze anos são consideradas como tendo terminado os estudos. O casamento as espreita e não tarda a tomá-las. (...) o mundo dos livros lhes é fechado, pois é reduzido o número de obras portuguesas que lhes permitem ler, e menor ainda o de obras estrangeiras a seu alcance escritas em outras línguas. (Apud, LEITE, 1984, p. 74)

Durante o final do Segundo Reinado e início do século XX, a mulher conquista maior liberdade educacional e de escolha da literatura. Os livros que antes limitavam-se na abordagem da construção moral, ética e postura cristã são substituídos, gradativamente, por leituras sobre moda, culinária e higiene. Vale atentar-se, que a transformação na estrutura social familiar representada pela possibilidade da mulher assumir cargos fora do lar ainda a condiciona às atividades relacionadas ao cuidar, ensinar e a submissão. Cargos como enfermeira, professora e babá.

A urbanização e os novos conceitos que acompanharam a modernidade expandiram a Educação para além da família e do âmbito escolar. A Educação atrela-se ao Estado, objetivando através do ideário de liberdade, mascarar suas reais intenções – controlar e dominar.

Renovada a função da escola, esta passou a estender sua ação formativa para outros âmbitos, tais como o do trabalho e o do tempo livre. Para o tempo livre, planejavam-se formas de transformar o tempo de não-trabalho em algo produtivo. Esse tempo, então, passou a ser gasto com a formação de indivíduos disciplinados e civilizados, mesmo fora do trabalho. Um dos meios de disciplinar e civilizar esse indivíduo seria a leitura (ALMEIDA, 2006, p.1).

Influenciado pelos acontecimentos mundiais em 1910 surge no Brasil o Movimento Sufragista. Deolinda Daltro funda o Partido Republicano Feminino (PRF) e ergue a bandeira em favor do voto feminino e pela possibilidade de cargos políticos serem exercidos por mulheres. Esses acontecimentos não são isolados, os três primeiros decênios do século XX foram marcados por inovações e movimentos – entre estes estão a Semana de Arte Moderna, Movimento Tenentista e o surgimento do Partido Comunista (PC), além da emergência do movimento feminista no Brasil. É neste cenário que o comportamento feminino começa a desafiar os padrões determinados à mulher pela sociedade, fazendo-a sentir-se integrar o corpo social. Entretanto, diante dessas conquistas, surgem por parte de jornais e revistas, tutoriais chamando atenção e difundindo temas como: Como ser uma boa esposa, filha e dona de casa.

Jornal das Moças e sua influência na manutenção da visão machista

Segundo o dicionário Aurélio (2004), influência é o ato ou efeito de influir. Poder ou ação que alguém exerce sobre outrem ou sobre certos fatos ou negócios, poder ou ação sobre outro; autoridade moral.

Vários pesquisadores ousaram definir influência, mas trabalharemos com Asch e Feitosa. Segundo Asch (1977) influência é imitação de atos produzidos pela humanidade sobre a pressão social. Para Feitosa (2006) o indivíduo associa o acontecimento com sua vida. Portanto é influenciado por desejar e buscar o que ver, sente ou ler.

O *Jornal das Moças* foi um caderno de variedades que abordava assuntos como moda, beleza, culinária e dicas. Circulou nacionalmente, no período de 1914 a 1968. Durante, aproximadamente, seus cinquenta e seis anos de circulação atravessou períodos marcados por expressivas transformações históricas e sociais, no entanto, essas mudanças não puderam ser observadas em suas páginas.

A publicação era semanal, no Rio de Janeiro, e a distribuição da revista era feita em todo o Brasil, incluindo capitais e algumas cidades do interior de vários estados do país, tais como Acre, Amazonas, Alagoas, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Santa Catarina, Rio grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, entre outros (ALMEIDA, 2006, p. 5).

O Jornal tinha como objetivo ditar o comportamento social e familiar, reforçando papel social da mulher sob o tripé dona de casa/mãe/ esposa.

Não há dever mais sagrado do que o da fidelidade; não basta que sejas fiel, é preciso que teu marido e todos nunca disso duvidem um instante. Deves ser modesta, mas com certa delicadeza em reserva, e deves inalteradamente prestar aos teus próprios olhos o testemunho da tua virtude. (Mensagens às noivas. *Jornal das Moças*, n. 1894. p. 9. Rio de Janeiro, 1951.)

O dever das mulheres brasileiras, especialmente nas primeiras décadas do século XX, estava sob um discurso ideológico que rigidamente ditava a função de cada ator social, determinando, sobretudo o papel da mulher (MALUF & MOTT, 1998).

Nesse contexto, *O Jornal das Moças* veio para resgatar e difundir os antigos valores atribuídos à mulher – família e o lar, que estariam se perdendo diante das novas tendências sociais, culturais e econômicas.

Os assuntos abordados em suas seções são diversos, porém, nada que possa influenciar contrariamente o modelo comportamental feminino, sempre marcado pela submissão, resignação e compreensão.

A mulher, dona de um lar, deve prevalecer-se de sua inteligência, sem altivez e sem que seu esposo suspeite jamais que ela é quem o conduz no lar, para fazer com que ele compreenda que ela cumpre com seus deveres no lar. (A Ciência da Vida Doméstica. *Jornal das Moças*, 01 de abril de 1943, p.17, Rio de Janeiro, 1950.)

O periódico procurava, através de suas orientações, manter o padrão do comportamento feminino socialmente esperado, que durante séculos associaram a mulher a imagem de dona de casa, esposa e mãe como sua principal e mais importante função.

Baseado na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da esfera da vida privada, o discurso é bastante conhecido: o lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã (MALUF & MOTT, 1998, p. 374).

Com base na função formadora da mulher a revista possuía uma seção de conselhos e dicas de como cuidar dos filhos destinada às mães:

—Durante a lua de mel estuda teu marido.
—Se o vires triste, deverás agradá-lo.
—Se trabalhar com o cérebro, ao procurar a solidão e o silêncio, não deverás importuná-lo. (Conselhos de Mãe a uma Filha Casada. Jornal das Moças, 01 de abril de 1943, página 17, edição 1950.)

Com as transformações que estavam ocorrendo tanto no Brasil como no Mundo e temerosos do rumo que a base familiar poderia tomar, deu-se início a uma série de tentativas de manter a ordem, a normalização da estrutura familiar e social e a necessidade de reafirmar antigos valores, tais como, a mulher como base da casa e do casamento.

Conhecendo o lugar que nos cabe no lar, devemos sentirnos orgulhosas. A família que o enche, enche também nosso coração. É em torno de nossa pessoa que os componentes de nossa família se reúnem; somos a confiança personificada, somos o refúgio de suas dores, somos o pelicano de seus pesares. **Certos de nossa situação no lar, não devemos jamais deixar transparecer um desequilíbrio em nossas atitudes para que não percamos essa confiança que todas depositam em uma mulher virtuosa.** A própria fúria masculina quando tal se dá, se detém diante de nós. Mantenhamos sempre a atitude serena de uma senhora, dona de seu lar.

(A Mais Sólida Fortaleza. Jornal das Moças, 07 de janeiro de 1943, página 16, edição 1438, grifo nosso.)

Apesar de atravessar diferentes períodos e acontecimentos históricos importantes o semanal procurava manter o foco em frivolidades e as boas moças longes de assuntos e conduta inapropriadas a suas leitoras.

Muita habilidade e tenaz resistência deve ter toda mãe que possui filha moça. A vida que se vive nesta época é atacada de todas as formas pelo que há mais sedutor e atraente para os espíritos frívolos. E o argumento desculpante é a situação de serias apreensões que atravessamos: as moças precisam distrair-se, não pensar na guerra e, nos males da guerra. A filosofia deste argumento é definidora da nulidade da mentalidade de quem o apresenta. Se bem que admitamos a distração, esta deve ser realizada em ambientes amenos e onde impere a moral, que não descambem para as licenciosidades que parte da sociedade está permitindo. (As Filhas Moças na Hora Atual. Jornal das Moças, 01 de abril de 1943, página 17, edição 1950.)

Levando em consideração o capital social do jornal, o padrão estipulado por este, cria a imagem de uma mulher perfeita dentro do estereótipo da tradicional família brasileira. Excluindo assim as demais formas de vida que levavam as mulheres na década de 40. Arvorando-se como conhecedor da alma humana, o autor se arrisca a afirmar que a única pessoa que perde em não seguir os padrões sociais estipulados para a mulher é ela mesma. A visão tradicional burguesa cristã transborda quando o autor afirma que:

As vezes, minha filha, tanto uma frase de sentido dúbio, como duas mazurcas, jogam por terra o bom nome de uma mulher que um pai guardou como uma flor de estufa, e que um marido sempre conservou como uma santa. (Mensagens às Noivas. Jornal das Moças, n. 1894, p. 9. Rio de Janeiro, 1951.)

Reafirma assim a ideia de que a mulher é total depende do pai e quando casa esta fica sob o julgo de seu marido. Além de enfatizar o comportamento de segunda instância social. Visto que, seu ambiente é restrito ao lar e para seu esposo. Para o Jornal convém frisar em todas as linhas da reportagem a configuração de mulher submissa ao homem e a sociedade. Atente-se que fugir deste padrão é criar uma imagem de promíscua e desonrada. Sobre a honra o jornal é muito mais claro e objetivo ao relacionar o sorriso com a moral, e alerta para o cuidado com a forma de vestir.

A honra e a reputação da mulher são tão indispensáveis como a castidade; não lhe basta apenas ser pura, honesta. Urge, pois, te conduzires de tal modo, que, de tua honestidade, não reste – a quem te vê, pela primeira vez – a menor dúvida. Muito pelo contrário, possa quem te vá observar, descobrir em um só momento, tua perfeita moral, tua completa decência. Põe por isso, toda sua atenção na maneira de vestir de falar, e, especialmente, de sorrir aos homens, ainda mesmo ao mais íntimo amigo do teu marido, pois, inclinado por natureza do mal, não saberá ele distinguir a corte que lhe pudesse fazer com teus modos de delicadeza. (Mensagens às Noivas. *Jornal das Moças*, n. 1894, p. 9. Rio de Janeiro, 1951.)

Entretanto, o que chama atenção em uma das colunas do jornal é a reportagem denominada *Ascendência Selvagem* onde o autor instrui as mães a coibirem os atos reacionários de suas filhas quando sofrerem de abusos em locais públicos (*Ascendência Selvagem. Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, p. 56. Edição 01804). Pois segundo o mesmo, isso mancharia a imagem da moça e de sua família. Em casos extremos recomenda-se a bofetada, mas alerta que o ato não pode ser extremo e nem permissivo.

Apesar de tentar manter as mentes femininas longe de preocupações que não fossem ao do convívio familiar e dos cuidados da casa, os meios de comunicação, em especial o cinema, estavam em uma crescente ascensão. As telas traziam romances com beijos apaixonados, faziam com que as moças e esposas desejassem viver o mesmo. O corpo feminino estava cada vez mais em evidência. “De fato, o cinema exerceu papel de destaque na mudança de valores, hábitos e modos de agir dos jovens. Através dele difundiram-se novos modelos de comportamento (...)” (RODRIGUES,2010, p.12).

Portanto não poderia ser negligenciado pela revista que trouxe em uma de suas edições atrizes hollywoodianas dando pequenas dicas de como manter o interesse dos homens.

As mulheres que queiram manter vivo o interesse dos homens por elas devem preocupar-se com certos detalhes. Esta é a declaração que um grupo de atrizes de Holywood deu à publicidade recentemente. Cada uma delas indicou um detalhe, que, embora pareça insignificante, lhes tem servido para reter o afeto e interesse do sexo masculino. (...)

Joan Crawford:

— Não faça esperar os homens. (...)

Eleonore Whitney:

— Não se exhiba diante dos homens sem estar bem-arranjada. (...)

Gladys George acrescenta:

— A mulher que queira bem a seu marido deve preocupar-se com insignificantes detalhes, que, às vezes, são muito importantes. Não há nada que irrite tanto a um homem como que lhe façam explicar suas

ausências. O melhor é aceitar suas explicações como artigo de fé. Contém muita verdade o ditado: “olhos que não veem, coração que não sente”. (...)

Eleanore Whitney está convencida da importância das aparências. O conservar vivo o interesse de um homem é uma tarefa árdua — diz Eleanore — mas é possível levá-la a cabo, com um pouco de atenção e previsão. (...) (O que Deve Fazer a Mulher para Conservar o Interesse aos Homens. *Jornal das Moças*, 21 de janeiro de 1937, páginas 64-65, edição 1127)

Se as mulheres famosas e modernas continuavam a preocupar-se em manter o bem-estar de seus maridos, então, suas leitoras, mulheres comuns, também poderiam conseguir. Manter o casamento e a harmonia da família era de sua responsabilidade.

Assim, como o *Jornal das Moças* era uma forma de civilidade feminina, outras leituras também poderiam influenciar e subverter os valores que a revista procurava reforçar. Dessa forma o periódico, apresentava algumas recomendações com relação ao que as meninas estavam lendo: “As mães não devem se esquecer que os maus livros são formadores de criminosos e debeis mentais (...)” (*Jornal das Moças*, 18 de março de 1943, p.15, edição 1448).

Dentro deste contexto histórico onde o feminismo e as novas tendências ganham forças e personalidades femininas como Luz del Fuego, Dercy Gonçalves e Carmem Miranda povoavam o imaginário das moças e das donas de casa difundindo a ideia de ser livre, dona das suas vontades e do próprio corpo, emergiam, mas para não perder o controle sobre o corpo feminino a sociedade machista patriarcal destinava as meninas uma educação de subordinação e respeito a hierarquia.

Conclusão

A História e a historiografia oficial destinaram as mulheres uma posição secundária, de subordinação e a obscuridade. Em razão da preponderância do homem e do patriarcado, foram as mulheres caladas e silenciadas (PERROT, 2005). Entretanto, com a ascensão de novos valores e padrões de vida a condição de subalterna social foi desafiada. Para manter o padrão e a hierarquia o *Jornal das Moças* era incisivo em suas informações e opiniões.

Os discursos proferidos pelo *Jornal das Moças* acabavam por reafirmar a necessidade de divisão dos papéis sociais e sexuais de homens e mulheres. Em outras

palavras, o corpo feminino não pertencia à mulher, mas sim ao grupo social ao qual esta estava inserida, uma vez que, em meio às ideologias feministas e a tradicional visão burguesa a mulher estava dividida entre o certo e o errado entre o sagrado e profano. Reafirmar seu poder e controle sobre o corpo é desafiar as normativas que regem a sociedade, a mulher que por ventura quebrasse as regras poderia ser corrigida, expulsa de casa e do convívio social.

A partir da análise dos textos do *Jornal das Moças* é possível constatar a intenção de civilizar o comportamento feminino através de um padrão. Seja através das dicas, de conselhos, informações e até contos o jornal define e estimula o comportamento desejável para uma mulher – sempre marcado pela submissão aos desejos e a vontade da sociedade machista.

Referências

ALMEIDA, Nukácia M. Araújo de. **Revistas femininas e educação da mulher: o Jornal das Moças**; Universidade Estadual do Ceará – Ceará-2006. Acessado 26 de fevereiro de 2015.

ASCH, S.E. **Psicologia social**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FEITOSA, H.C. **Televisão e influencia social: análise do Globo Repórter como fonte de controle social**. Brasília, UniCEUB, Monografia, 2006

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. In: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. (Orgs.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: UNESP, 1996.

MENSCHIK, Jutta. **Feminismus, geschichte, theorie und praxis**. Köln: Verlag Pahl Rugenstein, 1977.

MORAIS, Ma Aristene C. de. **Leitura de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0. 3. ed. Editora Positivo, 2004

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

RAGO, Margareth, Trabalho Feminino e Sexualidade. DEL PRIORE. Mary. (Org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

RIBEIRO, Arilda Inês M. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G (Orgs). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo, org. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.